

O QUE ELAS DIZEM SOBRE O TRABALHO DE CUIDADO NA PANDEMIA DA COVID-19?

Roberta Teixeira de Oliveira¹

Michelle Rodrigues Simões²

Fernanda Canavêz³

RESUMO: Este artigo propõe analisar o trabalho de cuidado, historicamente atribuído às mulheres, por meio de uma perspectiva situada e interseccional. Para isso, utilizamos de uma pesquisa de campo em que coletamos narrativas das mulheres acerca das suas vivências na pandemia da COVID-19 a fim de refletir as múltiplas realidades. Para analisar o material relativo ao tema do cuidado presente nas narrativas, fizemos um recorte de dados e utilizamos o método psicanalítico de pesquisa. Dessa forma, propomos evidenciar como o cuidado se apresenta de forma imperativa, naturalizada para as mulheres, afetando significativamente suas experiências no período pandêmico.

Palavras-chave: Mulheres. Trabalho de Cuidado. Trabalho Doméstico. COVID-19.

INTRODUÇÃO

Este artigo se insere na pesquisa intitulada *Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres*, um projeto interinstitucional entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) que tem por objetivo contemplar as narrativas de mulheres na história da pandemia da COVID-19. A pandemia do novo coronavírus demonstrou como as vidas das mulheres, historicamente inscritas por uma estrutura do patriarcado branco, são as mais afetadas por um cenário de precariedade, violência e vulnerabilidade social. Dessa forma, é importante direcionar o olhar para o contexto sócio-histórico a fim de compreender que, mesmo todos sendo vulneráveis ao vírus, existem atravessamentos que demonstram diferentes formas de afetações vivenciadas pela pandemia. Para isso, este trabalho parte de uma pesquisa de campo na qual foram coletadas narrativas de mulheres no cenário da pandemia da COVID-19 através de um formulário *on-line*. Assim, realizamos uma análise do trabalho de cuidado e seus atravessamentos subjetivos na pandemia a partir dessas narrativas.

Ao trazer para a cena as narrativas das mulheres, é preciso se debruçar sobre ferramentas que proporcionem uma ampla abertura de visualização para a multiplicidade subjetiva delas.

¹ Graduanda de Psicologia da UFRJ, bolsista PIBIC/CNPq, E-mail: toliveira.roberta@gmail.com.

² Graduanda de Psicologia da UFRJ, E-mail: michelle.rsimoes@gmail.com

³ Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, Professora do Instituto de Psicologia da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ, E-mail: fernandacanavez@gmail.com

No entanto, percebe-se um grande empecilho nesse percurso, uma vez que a produção de conhecimento do centro acadêmico tradicional apresenta embaraços ao se referir às subjetividades que não as moduladoras do patriarcado branco (KILOMBA, 2019). Nota-se que há uma concepção de conhecimento que age a partir da imposição de imperativos universais, constitutiva de relações de poder e atualizada com a modernidade. A elaboração intelectual da modernidade inaugurou uma perspectiva da produção do conhecimento que demonstra o caráter mundial do poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado (QUIJANO, 2005). É um pilar epistêmico da matriz colonial no qual se configura um sistema de poder que se renova desde a colonização a partir da colonialidade/modernidade de maneira a produzir conhecimento, subjetividade e mundo através de uma lógica violenta de leis imperiais/coloniais em um pensamento global (MIGNOLO, 2017). A modernidade, desse modo, altera a dimensão material das relações sociais e traz um certo cientificismo no qual impera a necessidade da separação entre sujeito e objeto. Nesta perspectiva, é estabelecida uma separação de quem era visto como sujeito, os modernos e mais avançados da espécie, sendo a referência da própria categoria de subjetividade, ou seja, os europeus, e quem era objetificado, o restante de espécie, os povos inferiorizados (QUIJANO, 2005). Logo, a epistemologia da matriz colonial estabelece o que é válido e verdadeiro dentro do terreno da ciência por uma óptica ilusória de mitos da objetividade, neutralidade e universalidade (KILOMBA, 2019), criadas e reforçadas pelo sujeito científico. Ou seja, só há ciência narrada através dessa ficção.

A matriz colonial, tal como o sistema em que se insere, o capitalismo, é cheia de contradições. Por mais que a ciência moderna suponha a existência do sujeito, ela o exclui de seu campo operatório (DOCKHOM; MACEDO, 2005). Isso significa que, nesse sistema de montagem, a perspectiva de gênero é alocada como sinônimo da mulher. A mulher é anunciada por estes sujeitos em uma categoria homogênea que possui funções configuradas através de papéis de gênero originando um imperativo universal de mulher. Assim, é preciso romper com essa dinâmica violenta a partir de construções epistemológicas de outros sujeitos científicos, em especial quando se trata da categoria de cuidado, que foi narrada historicamente como uma atribuição "natural" das mulheres.

A perspectiva de gênero, quando inscrita historicamente, é uma categoria útil, uma vez que reivindica um certo campo de definição e insiste sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre mulher e homem (SCOTT, 1995). Isto é, possibilita refletir como o conceito de cuidado foi atribuído de forma naturalizada a um determinado gênero. Com intuito de estarmos abertas às múltiplas formas de existência das

mulheres e de como o cuidado se expressa em suas narrativas, lançamo-nos aos saberes localizados (HARAWAY, 2009) de maneira a (re)visualizar o mundo como entidade ativa através do saber situado por nós. Essa é a objetividade da qual partimos nas análises para romper com a categoria de universal, e não um distanciamento alienante de sujeito versus objeto. Junto a isso, para situarmos o saber dos sujeitos que compõem a pesquisa, demandamos de uma sensibilidade que é buscada na ferramenta teórico-metodológica da interseccionalidade, tal qual proposto por Akotirene (2019), uma vez que possibilita perceber como as múltiplas avenidas identitárias da cisheteronormatividade, racismo e capitalismo colidem em interações simultâneas e dinâmicas e, então, produzem subjetividade. Por intermédio dessas epistemologias, utilizamos o método psicanalítico para analisar as narrativas e podermos dialogar com as múltiplas faces do cuidado e seus efeitos alarmantes na vida das mulheres brasileiras.

Com a pandemia, torna-se nítido o lugar essencial do cuidado como o ponto central da sustentabilidade e manutenção da vida. Desse modo, vê-se que as mulheres continuam sendo as mais afetadas por esse trabalho não remunerado de maneira que com a saturação dos sistemas de saúde e fechamento das escolas, as tarefas do cuidado recaem sobre elas que são atribuídas à responsabilidade do cuidar (ONU, 2020). Por essa perspectiva, as teorias sobre o cuidado apresentam como componente indispensável a divisão sexual do trabalho. O trabalho de cuidado é um campo situado de acordo com sua realidade sociocultural, o que significa que ele pode apresentar diferentes nomeações e particularidades, como, por exemplo, seguir em uma análise da teoria do *care*, *care work* e/ou pelo trabalho doméstico. Utilizamos essa nomeação a fim de abarcar as múltiplas dimensões do cuidado: a esfera da ação, da atitude e a categorização a partir do trabalho, que é historicamente atribuído a mulheres na esfera privada (GUIMARÃES; HIRATA; SUGITA, 2011), seja na própria casa ou na casa de outras pessoas. É nesta dimensão que iremos analisar o cuidado, a partir das histórias narradas pelas múltiplas mulheres que reverberam seus afetos no terreno pandêmico a fim de romper com a história única (ADICHIE, 2019).

Em acordo com essa tese, dados do IBGE (2020) mostram que a taxa de realização de afazeres domésticos em domicílio próprio ou em domicílio de parente⁴ é de 78,6% para homens e 92,1% para mulheres. Em relação à taxa de realização de cuidados de pessoas (moradores ou de parentes não moradores), é de 25,9% realizado por homens e 36,8% por mulheres. Já em

⁴ Esses dados se referem à razão entre as pessoas de 14 anos ou mais que realizaram alguma atividade, como por exemplo os afazeres domésticos e a população de 14 anos ou mais.

relação a horas gastas nos afazeres domésticos e/ou cuidados, a mulher não ocupada dedicou, em média, 24 horas semanais enquanto que o homem não ocupado dedicou metade (12,1 horas) em 2019. Em relação a pessoas ocupadas relacionadas ao gênero, essa taxa se manteve elevada: as mulheres ocupadas dedicaram em média 8,1 horas a mais às atividades de afazeres domésticos e/ou cuidados que os homens ocupados. Analisando esses dados, percebe-se que o sistema capitalista, racista e cisheteronormativo provocou transformações subjetivas nas vidas das mulheres ao estabelecer modos de ser e existir no mundo enquanto responsáveis pelo cuidado tanto físico como emocional como uma dimensão inerente de suas vidas. Diante da múltipla realidade das mulheres brasileiras no contexto da pandemia, propomos tecer pontes com epistemologias em que caibam os universos, e não o universal, para, então, analisarmos a encruzilhada do trabalho de cuidado através da experiência narrada pelas mulheres.

1 METODOLOGIA

A metodologia utilizada consiste em uma pesquisa de campo que se propõe a analisar as narrativas coletadas em um formulário utilizando-se do referencial psicanalítico. Para a investigação da pesquisa foi divulgado um formulário *on-line* para mulheres brasileiras, que ficou disponível de maio até junho de 2020, e contou com 5.874 respostas. As narrativas das respondentes estão situadas no início da pandemia e são, portanto, atravessadas pelas especificidades desse período. Nesse formulário, foram solicitados dados sócio demográficos e a construção de narrativas sobre as vivências na pandemia da COVID-19. Sobre os dados sócio demográficos, foram incluídas questões sobre idade, orientação sexual, designação de gênero, escolaridade, raça e cor, etnia, condições de trabalho, renda, composição familiar, condições de moradia, local de residência, possibilidade da medida de distanciamento social ou não. As perguntas abertas foram pensadas de modo a trazer livremente as narrativas sobre os impactos da pandemia da COVID-19. Dessa forma, são perguntas elaboradas para evocar questões acerca dos sentimentos, sensações, transformações, desafios e sobre o trabalho de cuidado. Cabe destacar que o instrumento de coleta de dados apenas foi divulgado após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de ensino à qual a pesquisa está vinculada (CAAE: 31203220.3.0000.5317).

Para tanto, utilizamos os seguintes critérios de exclusão a fim de selecionar as narrativas que iriam compor o grupo analisado: ser responsável pelo sustento familiar e cuidar de outros membros da família (que não filhos) durante a pandemia. O cuidado, nesse sentido, é entendido

como o cuidado prático/físico, tal qual a alimentação, limpeza, remédios, e o cuidado emocional, como escuta de relatos sobre situações de sofrimento ou violência, apoio emocional e ajuda na resolução de problemas. A partir desse recorte, chegamos a um grupo de 837 mulheres. Após demarcarmos o grupo das narrativas que iríamos analisar, selecionamos as seguintes perguntas para refletirmos acerca do trabalho de cuidado: “Você tem conseguido cuidar de si mesma? Se sim, como você tem feito isso? Se não, por quê?” e “O que tem feito você se sentir bem durante esse período da pandemia de COVID-19? Por quê?”. Após essa seleção, partimos para análise do material significativo das narrativas através do método psicanalítico de pesquisa, em uma interpretação diante de tantas outras possíveis.

Para analisarmos, utilizamos do método psicanalítico de investigação, que compreende um trabalho estratégico interpretativo de pesquisa extra-clínica fundamentado na manutenção da especificidade e do rigor psicanalítico. É um processo de escuta singular da subjetividade para um aprofundamento e problematização da questão da pesquisa (DOCKHORN, MACEDO, 2015). Isso significa que essa pesquisa parte de nossas interpretações das narrativas em um terreno com tantas outras e que não se buscou uma generalização. Por esse modo, essa estratégia não está atrelada a um fechamento universal, mas abre para as possibilidades presentes nas narrativas das respondentes e que são encarnadas em nós (HARAWAY, 2009; KILOMBA, 2019). Sendo assim, temos que a investigação em psicanálise pode ser estrategicamente alinhada ao saber situado (HARAWAY, 2009) de maneira a ampliar a visualização, a interpretação e a ampliação do significado do fenômeno analisado. Esse olhar sensível das pesquisadoras para o material de análise está diretamente atrelado à localização do saber de maneira interseccional, uma vez que as pesquisadoras estão implicadas no encontro com as respondentes, que pelo método de investigação psicanalítica é realizado em três etapas.

O método de investigação psicanalítica é atravessado a partir de quem o utiliza, mas não significa dizer que não possua rigor científico, ao contrário, ele abre para a interferência subjetiva de quem está no processo da pesquisa. Cabe evidenciar que esse método possui três etapas: (1) construção narrativa; (2) escuta da escuta; e (3) discussão teórico-interpretativa (DOCKHORN; MACEDO, 2015). Em um primeiro momento, a partir do problema de pesquisa que a pandemia é diretamente atravessada pelo gênero e seus entrecruzamentos, nós lemos e relemos incessantemente as narrativas através da atenção flutuante. Sendo assim, fomos guiadas pelas narrativas das respondentes, em uma abertura para o que surgisse em nós, a forma pela qual fomos evocadas de maneira pulsional, como nossos sentimentos e nossas associações livres a partir do material analisado, ou seja, a nossa experiência de transferência. A partir dessa

experiência transferencial, o cuidado nos ressoou como uma forma de interpretação frente às outras possíveis. O processo de escuta da escuta junto à nossa orientadora permitiu uma triangulação de dados a fim de constituir o cuidado de modo ampliado nas narrativas, em dois eixos interpretativos: as duas categorias criadas para elaborar o cuidado. Por fim, o último momento estratégico foi a discussão teórico-interpretativa, um movimento de intensa leitura, escuta e discussão teórico-prática do material analisado entre nós pesquisadoras, para abrirmos na complexidade do fenômeno analisado do cuidado (DOCKHORN; MACEDO, 2015).

É válido apontar alguns dados frente ao universo das respondentes, a partir dos recortes realizados, para ampliarmos a visão sobre as narrativas. Em tal universo das respondentes, a partir da autodeclaração da classificação de cor ou raça baseada no IBGE, 76% se autodeclararam brancas, 16% pardas, 7% pretas e 1% amarelas/asiáticas. Ao olharmos para a renda medida a partir do salário mínimo em 2020, 27% recebem de 2 a 4 salários mínimos, 27% mais de 8, 17% de 4 a 6, 14% de 6 a 8, 10% de 1 a 2 e 5% de 0 a 1. Já acerca da renda familiar, que espelha a renda da própria mulher uma vez que essa é responsável pelo sustento familiar, 29% representa as famílias com mais de 8 salários mínimos, 26% de 2 a 4, 17% de 4 a 6, 14% de 6 a 8, 9% de 1 a 2 e 5% de 0 a 1. A partir disso, percebe-se que nesse universo a maioria das mulheres e suas famílias encontram-se em um grupo que recebe mais de 8 salários mínimos.

Esses são dados interessantes para a análise, visto que, em 2018, 12,7 milhões de pessoas viviam em arranjos familiares formados por responsável, sem cônjuge e com filhos até 14 anos, compreendendo 7,4% da população brasileira e que desse total 90,3% dos domicílios apresentam a mulher como responsável e, especificamente, 67,5% eram mulheres negras (CONTEE, 2020). Nesse entrecruzamento de gênero, raça e classe, vemos que em arranjos familiares formados por mulheres sem cônjuges e com filhos menores de 14 anos encontram-se em situação de pobreza extrema e representam 20,6% do total da população que vive em extrema pobreza no país. Dos arranjos que possuem chefia de mulheres negras, 23,7% se concentra na população extremamente pobre, enquanto dentre as brancas o percentual é de 13,9% (CONTEE, 2020). Acerca disso, podemos ver que as mulheres negras, historicamente atingidas pela violência desde o período da escravização, encontram-se em um cenário de maior vulnerabilidade social e precarização, o que é agravado pelo período de pandemia.

Já em relação ao cuidado compartilhado com outros membros, 34% responderam que o cuidado com outros membros da família é feito somente “por mim”, 26% dividem o cuidado com outras mulheres, 24% com mulheres e homens, 9% com homens e 7% responderam que a pergunta não se aplica. O trabalho de cuidado é central na sustentabilidade da vida e no período

de pandemia foi visto que 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém, desse número 52% das mulheres negras, 46% das mulheres brancas e 50% das mulheres amarelas e indígenas passaram a se responsabilizar pelo cuidado de alguém (GÊNERO E NÚMERO, SOF, 2020). As mulheres são encarregadas da responsabilidade deste trabalho e, em sua maioria, é realizado de forma solitária, como foi visto pela maioria das respondentes que não o compartilham com ninguém, gerando sobrecarga em suas vidas.

Baseado nisso, percebe-se que a maioria das respondentes são localizadas em uma faixa privilegiada da população: mulheres brancas que declaram renda familiar acima de 4 salários mínimos. Podemos suspeitar que a concentração delas neste grupo pode ser explicada pela forma na qual o formulário foi divulgado ou até mesmo pelo modelo do instrumento, tanto por ser disponibilizado na plataforma *on-line*, em que é preciso que as respondentes possuam acesso à *internet* e a aparelhos específicos (como celulares, computadores ou tablets), como possuírem disponibilidade de tempo. Estes elementos são relevantes para situarmos as respondentes de maneira sensível uma vez que a estrutura cisheteronormativa, racista e capitalista ressoa na pesquisa, mas também serve para compreender que o saber localizado é sempre parcial (HARAWAY, 2009), isto é, toda pesquisa científica possui suas limitações.

2 O TRABALHO DE CUIDADO NA ENCRUZILHADA DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

O cuidado é uma categoria multidimensional que não remete apenas à dimensão do trabalho profissional (*care work*) no qual é considerado trabalho e apresenta remuneração, mesmo que em condições extremamente precárias no território brasileiro. No entanto, tão importante quanto essa face é o trabalho de cuidado dentro da esfera privada, o trabalho doméstico, ou o trabalho não remunerado de reprodução social. Em ambas as circunstâncias, inscritas historicamente, percebe-se que são trabalhos exercidos predominantemente por mulheres. Exemplo disso é que a linha de frente do trabalho de saúde na pandemia apresentou a nível global 70% das equipes de trabalho em saúde e serviço social compostas por profissionais mulheres, desde enfermeiras, médicas, parteiras e trabalhadoras de saúde da comunidade (UNFPA, 2020). Então, torna-se nítido que o cuidar é atrelado ao gênero, naturalizado como se fosse inerente à posição e à disposição femininas (GUIMARÃES, HIRATA, SUGITA, 2011).

Para a compreensão de como o cuidado passou a ser atribuído às mulheres, é necessária uma análise sócio-histórica que tem como ponto chave a divisão sexual do trabalho. Ao falar em divisão sexual do trabalho, não estamos generalizando a forma pela qual o sistema mundial configura papéis de gênero uma vez que nem todas as sociedades são generificadas, isto é, apresentam o gênero como medida hierárquica social (OYĚWÙMÍ, 2021). Frente a isso, o percurso histórico utilizado é inscrito através do mundo Ocidental, especificamente com a nova divisão sexual do trabalho configurada na transição do feudalismo para o capitalismo (FEDERICI, 2017), entendendo que é através da generificação que o trabalho de cuidado foi colocado a cargo das mulheres a partir de uma violenta divisão de funções de gênero baseadas nas diferenças sexuais. Por essa linha, o trabalho de cuidado é analisado a partir de um aspecto central: ser um trabalho de produção de pessoas que não só é atributo de uma atividade apenas de criar e manter a vida no sentido biológico, mas de reproduzir a força de trabalho. O cuidado é, portanto, um trabalho de reprodução social que supre condições materiais, sociais e culturais fundamentais para a sociedade humana no geral e, principalmente, para a produção capitalista (ARRUZA, BHATTACHARYA, FRASER, 2019).

A nova divisão sexual do trabalho, oriunda do capitalismo, estabelece uma diferença marcante: o trabalho da mulher passa a ser desvalorizado. A Europa pré-capitalista apresentava uma economia de subsistência em que não havia uma separação entre produção e reprodução, porém, com a monetarização da economia, essas atividades se tornaram portadoras de outras relações sociais e passaram a ser sexualmente diferenciadas. Desse modo, no período de transição para o capitalismo, há uma movimentação de expulsão gradual das mulheres nas possibilidades de trabalho produtivo que exerciam ou uma desvalorização absurda da remuneração de forma que a única possibilidade de vida, de sustento, é o trabalho doméstico. Nessa nova divisão sexual do trabalho, há uma reconfiguração dos papéis sexuais de modo que as mulheres foram confinadas ao trabalho reprodutivo no exato momento em que este trabalho estava sendo absolutamente desvalorizado (FEDERICI, 2017). Nessa perspectiva, o cuidado, que é o pilar da sustentabilidade da vida, é construído através de uma ficção: a naturalização deste trabalho na mulher a ponto de ser visto como um recurso natural, um bem comum a todos. Assim, a relevância da reprodução da força de trabalho diante de sua função essencial no processo de acumulação capitalista se tornam invisíveis ao ponto de serem mistificadas como uma vocação natural das mulheres, tal como a procriação (FEDERICI, 2017; 2019).

A necessidade de uma força de trabalho estável e disciplinada fez com que o capital organizasse a família nuclear como centro da reprodução e a colocou como uma instituição-

chave que assegurava a propriedade privada (FEDERICI, 2017; 2019). Nesse período, a família obteve significativas mudanças como a separação da esfera pública e adquiriu conotações modernas, sendo o principal centro da reprodução da força de trabalho e passando a ser o complemento do mercado, instrumento para a privatização das relações sociais, local de disciplina capitalista e da dominação patriarcal. Um outro ponto da instituição familiar como centro normatizador da subjetividade das mulheres é o pacto heterossexual a fim de garantir a reprodução da força de trabalho, através da família cisheteronormativa em que a única sexualidade aceitável é este modelo (FEDERICI, 2019). Neste sistema, mais uma vez, os desejos das mulheres são moldados de modo que a única possibilidade que elas encontram é o sustento através do casamento em que realizar o trabalho reprodutivo e de procriação é visto como sinônimo de amor (FEDERICI, 2019). Essa concepção de feminilidade – na qual a mulher passa a ser sinônimo de esposa e, concomitantemente, dona de casa – só é possível dentro da família nuclear. Ao trazer essas dimensões da família nuclear ocidental, percebe-se que ela é generificada em sua origem, ao apresentar uma estrutura concebida em uma unidade conjugal no centro, encabeçada pelo macho e com dois genitores, em que o homem chefe é concebido como ganhador do pão e o feminino é associado ao trabalho doméstico e de cuidado (OYĚWŪMÍ, 2021). Consequentemente, essa instituição passa a ser significativa para a apropriação e ocultação de trabalho das mulheres.

Ao traçar uma encruzilhada de gênero, raça e classe torna possível notar que diferente da mulher branca de classe média vista como a “dona de casa”, a mulher negra não foi “dona de casa”, o seu trabalho fora de casa – tanto como mulheres “livres” quanto como escravas – fez com que o foco central de suas vidas não fossem as tarefas domésticas. Um vasto número de mulheres negras teve que cumprir as tarefas na sua própria casa e também os afazeres domésticos de outras mulheres, carregando um fardo duplo do trabalho assalariado e das tarefas domésticas (DAVIS, 2016). Deste modo, estamos falando que não há um “fardo comum” que as mulheres dividem visto que o sexismo não é uma completa impossibilidade de escolha, mas há ausência de opções dependendo da forma pela qual se é oprimido (HOOKS, 2020), principalmente quando se trata da mulher negra no Brasil.

O trabalho de cuidado exercido no lar não é visto e vivenciado para todas as mulheres. O lar pode ser também um espaço de resistência, através da segurança frente a um mundo estruturado pela violência do racismo (HOOKS, 2019), é preciso ressaltar essa dimensão do cuidado que é compartilhado e solidarizado, mesmo que isso não signifique uma garantia de que seja “livre” do sexismo. Do mesmo modo que no contexto pandêmico não há apenas uma

forma de se estar em casa. Dessa forma, é preciso não abstrair o caráter multirracial e pluricultural das sociedades da região ao tratar da divisão sexual do trabalho visto que quando não é realizado cai no típico discurso masculinizante e branco. Falar de opressão à mulher latino-americana é evocar uma generalidade que esconde, enfatiza e tira de cena a dura realidade de milhões de mulheres que pagam um preço altíssimo por não serem brancas (GONZALEZ, 2020). Para analisar o trabalho de cuidado na sociedade brasileira, faz-se necessário engendrar essa encruzilhada, visto que foram as mulheres negras escravizadas que, historicamente, foram responsáveis por esse trabalho (AKOTIRENE, 2019; GONZALEZ, 2020; TEIXEIRA, 2021).

Quando resgatado o trabalho de cuidado para a cena da pandemia da COVID-19 torna-se evidente como a desigualdade operante nas relações de gênero se tornam mais agravantes. Percebe-se que o trabalho reprodutivo social foi um dos campos essenciais que não pararam durante a pandemia e, com isso, ocasionaram uma sobrecarga na vida das mulheres. Assim, através desse percurso histórico de modo interseccional e situado, podemos seguir para as narrativas acerca do trabalho de cuidado e refletir em como ele tem sido atualizado de maneira violenta na vida das mulheres no período da pandemia.

3 O QUE ELAS DIZEM ACERCA DO TRABALHO DE CUIDADO?

O cuidado se apresenta para nós como um ponto chave de análise ao propormos investigar as cenas do cotidiano deste trabalho no contexto pandêmico, a partir das narrativas das respondentes. Para isso, o cuidado será dividido em duas categorias: a naturalização do trabalho de cuidado atribuído às mulheres e o cuidado de si na relação com o outro. Embora as categorias sejam intrinsecamente relacionadas, a ponto de que a própria naturalização desse trabalho tende a estabelecer o cuidado do outro acima do cuidado de si, escolhemos separá-las de maneira a elucidar como são significativos os dois aspectos na subjetividade das mulheres presente nas narrativas. A título de localização, logo após os trechos e entre parênteses foram colocados os números das respostas do questionário para associar às respondentes. Além disso, como foram utilizadas duas perguntas para a análise das narrativas, a diferenciação entre ambas é a partir da numeração, referente à própria pergunta no questionário, antes do trecho narrativo: (1) para referenciar a pergunta “Você tem conseguido cuidar de si mesma? Se sim, como você tem feito isso? Se não, por quê?” e (2) para a “O que tem feito você se sentir bem durante esse período da pandemia de COVID-19? Por quê?”.

Importante destacar que a respeito das mulheres que exercem o trabalho de cuidado não houve uma diferenciação entre esse trabalho ser ou não remunerado, isto é, não entramos no campo da profissionalização do cuidado. Logo, o nosso recorte partiu das mulheres que se identificaram como responsáveis por cuidar. Propomos, desse modo, pensar em como o imperativo do cuidado é visto no cotidiano delas através da noção de ação e atitude do cuidado apresentado simbolicamente através das narrativas. Assim, a construção das categorias de análises se deu por meio do contato com os relatos, não só pela quantidade de vezes que o cuidado apareceu, mas também pelas reverberações que nós, mulheres pesquisadoras, tivemos no encontro com as narrativas.

A perspectiva do trabalho de cuidado na esfera privada, no “estar em casa”, em um período de crise sanitária global, traz efeitos nocivos para a vida das mulheres. É um cenário alarmante de sobrecarga que afeta diretamente a saúde mental, desde a redução da atividade econômica até as inúmeras dimensões da violência, como a física e a psicológica, que aumentaram substancialmente no período da pandemia da COVID-19 (BITTAR; SEABRA, 2021), mas também de violências silenciosas como o aumento das atividades de cuidado. Esse quadro é agravado quando essas mulheres são chefes de família, uma vez que 40 % das mulheres afirmaram que a pandemia e a situação de isolamento social colocaram a sustentação da casa em risco (GÊNERO E NÚMERO, SOF, 2020). Sendo assim, ficar em casa pode ser representado de formas distintas quando interseccionado através da mulher que está narrando, uma vez que há múltiplos atravessamentos em “estar em casa” e até mesmo o poder “estar em casa” (SANTOS; CERVO, 2020).

Um grupo que é atravessado de maneira diferente pelo cuidado é o que exerce a maternidade, uma vez que a dimensão do cuidar que antes era compartilhado com outras redes agora depende exclusivamente dessa mulher (VELOSO; XAVIER, 2020). Em São Paulo, muitas famílias recorreram a “mães crecheiras”, mulheres que passaram a cuidar de mais de 25 crianças em suas casas, ou a creches informais, devido à alta demanda de mães não terem com quem deixar suas crianças para seguirem em seus trabalhos que não pararam durante a pandemia da COVID-19 (OLIVEIRA; MENDONÇA, 2020). Essa reinvenção, mesmo que continue sendo atribuída a outras mulheres, demonstra como é preciso pensar formas de manejar o cuidado, de modo a não limitá-lo a uma atividade solitária ao ponto de prejudicar a vida da mulher. De acordo com o IBGE (2020), na primeira quinzena de março, quando foi decretada a pandemia, 7 milhões de mulheres deixaram o mercado de trabalho frente a um cenário de 5 milhões de homens (PNAD/C, IBGE, 2020), esse dado corrobora com o fato do

trabalho de cuidado ser atribuído à mulher pode prejudicá-la a se manter no trabalho produtivo. No entanto, essa cena pode ser narrada de outra maneira, como uma mulher que teve o seu trabalho preservado em regime de *home office* e a partir disso precisou se reinventar em outro espaço, mas seguindo em demandas de produtividade e, agora, a presença do trabalho doméstico, que antes era realizado por uma empregada doméstica (SANTOS; SERVO, 2020). Como elas próprias relatam, a dinâmica de “estar em casa” é atravessada pelo aumento de trabalho produtivo, levando em consideração o *home office* e é somado ao trabalho de cuidado que não cessa.

1. Não, apenas asseio pessoal básico, muito trabalho on-line e aumento de responsabilidades com familiares vulneráveis (morando em outra casa). (281)

1. Não. Falta de tempo, cansaço para fazê-lo. Prioridade para o filho, trabalho remunerado e trabalho doméstico. (2679)

A prioridade do trabalho de cuidado é sempre atribuída ao outro, cuidar de si parece quase não existir nessa dinâmica de naturalização do cuidado atribuído a elas. Essas cenas são retratadas quantitativamente, na medida em que 41% das mulheres que seguiram trabalhando durante esse período com a manutenção de salários afirmaram trabalhar bem mais na quarentena (GÊNERO E NÚMERO, SOF, 2020). Assim, mesmo que o trabalho de cuidado parta das encruzilhadas, ou seja, de diferentes formas pelas quais o cuidado é encarnado, situado e atravessado nas mulheres, há um encontro de narrativas: a dimensão dele ser atribuído à mulher.

Por este modo, a categoria da naturalização do trabalho de cuidado atribuído às mulheres transparece em uma continuidade sócio-histórica, isto é, a perpetuação do cuidado do outro como sendo inerente à mulher. No entanto, a história hegemônica apresenta uma insuficiência para demonstrar como a naturalização ocorreu de maneira construída. Isto é visto a partir da forma pela qual as pessoas, sobretudo no mundo Ocidental, foram socializadas em uma hierarquia generificada ao atribuírem de forma natural, tal como um aparato biológico, a responsabilidade do cuidado a cargo das mulheres. Dados do IBGE (2020) demonstram como a taxa de realização de afazeres domésticos, no próprio domicílio ou em domicílio de parente, é de 92,1% exercido por mulheres em contraponto de apenas 78,6% de homens e, junto a isso, a taxa de realização do cuidado de pessoas, sejam elas moradoras ou não, é de 36,8% de mulheres e apenas 25,9% de homem.

As narrativas demonstram que a história dessas mulheres na pandemia são marcadas pelo trabalho de cuidado dirigido ao outro a ponto de o cuidado consigo quase não existir. Como

uma das respondentes trouxe “Nenhum cuidado. Só cuidando dos outros, como eu sempre fiz. (3673)”. Qual a possibilidade de cuidado de si que essa mulher tem diante de uma vida cerceada pelo cuidado do outro? Vemos que há uma naturalização sócio-histórica do cuidado com o outro como representação constituição subjetiva das mulheres que foram encarregadas a esse lugar e seguem na reprodução da responsabilidade do cuidado. Independente se se trata de uma escolha deliberada ou não, tema que fugiria aos limites do presente artigo⁵, gostaríamos de demonstrar como esse trabalho reproduzido como uma ficção do ser mulher apresenta efeitos nocivos, principalmente, em um período em que o cuidado é ainda mais central. Diante disso, percebe-se que quando perguntadas se estão conseguindo cuidar de si, muitas relatam que não conseguem e que não tem tempo devido ao trabalho de cuidado com o outro ou ao trabalho produtivo.

1. Não. Completa falta de motivação e cobrança demasiada de atenção pelos filhos e marido. (510)

1. Não. Porque todo meu tempo é voltado para cuidado da minha casa e auxílio a minha filha que está no puerpério além do cuidado com a recém nascida. E o cansaço é mais do que a vontade de fazer qualquer outra coisa. (1702)

1. Quase não tenho conseguido me cuidar. Estou sempre ocupada com trabalho, casa e crianças. No tempo que sobra, quero apenas descansar. O sentimento é de exaustão. (2291)

1. Difícil, porque a família toda junta no mesmo espaço consome muito do meu tempo. Sou requisitada o tempo inteiro. (3229)

Vemos que o cuidado de si parece não existir de modo a terem as suas vidas consumidas pelo trabalho de cuidado com o outro. A partir da encruzilhada de gênero, raça e classe em relação ao trabalho de cuidado, vê-se uma dimensão de subordinação e exploração da mulher. Por esse modo, percebe-se que paira uma certa responsabilidade com o outro cristalizada na subjetividade dessas mulheres dado que nas narrativas, embora falem que não há tempo para o cuidado de si, o cuidado com o outro está presente. Isso faz com que as mulheres tomem a frente do cuidado e se sobrecarreguem mentalmente. A forma pela qual o trabalho de cuidado foi atribuído como vocação natural das mulheres fez com que a dimensão da vida e subjetiva delas tenham como premissa o cuidado com o outro, seja ele físico, financeiro ou emocional. Por essas mulheres serem chefes de família, há uma intensificação da preocupação delas com os outros, pois além da dimensão do cuidado afetivo ainda tem a cobrança dela continuar exercendo o trabalho produtivo para que possa seguir no sustento da família. Uma das

⁵ Para essa discussão ver Canavêz, Farias e Luczinski, 2021.

respondentes confirma essa hipótese ao dizer que não consegue cuidar de si porque “só penso em fazer meus bicos para fazer algum dinheiro e cuidar da casa, da minha filha e minha cachorra (3486)”.

A partir do momento em que há um isolamento dessas mulheres, em que há um imperativo do “ficar em casa”, quando podem exercer o trabalho produtivo dentro de suas casas, há uma intensificação do trabalho, uma vez que prejudica o compartilhamento do cuidado, as redes institucionais que compartilham estão fechadas, e há um aumento da carga de trabalho de cuidado. Um ponto importante é que no conjunto das narrativas selecionadas há algo que aparece de forma majoritária e simbólica: as mulheres ao dizerem que não estão cuidando de si narram uma associação de que esse cuidado não é exercido devido à carga de trabalho de cuidado com o outro, seja no do trabalho produtivo que contribui para a renda familiar ou no próprio trabalho de reprodução social.

1. Não tenho conseguido. Como são muitas as demandas, assim tenho trabalhado mesmo em feriado e final de semana, ou para dar conta do trabalho ou para fazer faxina em casa. Não estou conseguindo fazer nenhum tipo de atividade física, pouco lazer... (1324)

O tempo é vivenciado sempre em prol do outro, o cuidado de si não existe em um cotidiano marcado pela exaustão, cansaço e demandas a todo instante. O cuidado é, então, um trabalho contínuo, que não finda.

O fato de as respondentes serem mulheres brasileiras também acentua a naturalização do cuidado. Ainda que no Brasil haja um envolvimento das redes familiares, de vizinhança e de bairro mais intensa quando comparado a outros países, e o apoio do Estado aos agentes de proximidade constitui uma política de prevenção da saúde da família⁶ (GUIMARÃES; HIRATA; SUGITA, 2011), não se apresenta como suficiente para romper com a dinâmica da desigualdade de gênero. Essa dinâmica brasileira ocorre por uma prevalência da concepção de que as responsabilidades familiares são para ser resolvidos na esfera privada pelas famílias e isso é fortalecido pelo próprio Estado, uma vez que as políticas públicas e as instituições voltadas à provisão de cuidados das crianças, idosos, doentes e pessoas com deficiência são precárias e insuficientemente desenvolvidas (SORJ, 2008). Esse cenário é acentuado através da dinâmica neoliberal, a partir do discurso individualizante, que se espalha nas dimensões subjetivas, prejudicando a possibilidade de solidariedade para com a sustentabilidade da vida.

⁶ Essa é uma política, em nível federal, que inclui o cuidado das crianças e dos idosos a partir da estratégia de saúde da família, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Junto a isso, há também o sistema educacional público brasileiro, que promove, em certa medida, o compartilhamento do cuidado.

Essa categoria é ainda atravessada pelo fato de o cuidado de si ser visto referente aos cuidados com a higiene, o que é explicado devido ao contexto pandêmico, mas também como um cuidado da mulher para com sua aparência física, através da cobrança com a beleza. Diante de todo esse trabalho em que essa mulher se encontra como a responsável, será mesmo que o cuidado que ela poderia exercer consigo mesma é realizar mais uma cobrança? É mais um discurso pelo qual as mulheres foram sócio-historicamente criadas e cobradas, como um dever de terem que lidar com todas as tarefas e ainda se adequarem aos padrões de beleza. São imperativos inerentes à manutenção de uma vida dita saudável, ditames da beleza e outros tantos aos quais as mulheres são submetidas (SANTOS; CERVOS, 2020). Sendo assim, estamos tentando refletir de que maneira os desejos, frente aos padrões impostos de beleza, são produzidos e encobertos pelo véu do “autocuidado” ao poderem apresentar um efeito nocivo de cobrança interna dessa mulher.

1. Não. O trabalho doméstico e profissional não deixam tempo para os cuidados pessoais como cuidar melhor dos cabelos, unhas e atividades físicas. (681)

1. Muito pouco, passo a maior parte do tempo de pijama, de moletom, limpando casa, administrando as aulas online, alimentação, saúde. Dificilmente consigo escovar meu cabelo. (895)

1. Sim, tenho tentando continuar com o auto cuidado, alimentando de forma correta, fazendo atividade física em casa ou correr na rua. Lavar os cabelos, cuidar da pele. (991)

1. Não. Só lembro disso quando vou dormir e aí não faço. Cozinho para as crianças mas não tenho fome, cabelo só preso, nenhum outro cuidado com o corpo, parei as atividades físicas porque não consigo encaixar na rotina com as crianças. (1729)

A outra categoria analisada, o cuidado de si na relação com o outro, é constitutiva da naturalização do cuidado atribuído à mulher, como uma forma na qual essas subjetividades operam. Nessa perspectiva, o cuidado do outro aparece sempre antes do cuidado de si, de maneira tão intensa que chega a ser confundido com o cuidado de si. Nas próprias narrativas, vê-se que quando as mulheres respondem sobre o cuidado si e o que as tem feito bem muitas delas falam que as atividades domésticas e o cuidado do outro são formas delas cuidarem de si e se sentirem bem. No entanto, esse trabalho de cuidado, ao contrário do que são levadas a acreditar, não é amor, é trabalho não pago (FEDERICI, 2019), prejudicando a vida dessas mulheres e tirando outras possibilidades de vida. Logo, há uma prioridade que é estabelecida nessa dinâmica do trabalho de cuidado: antes de tudo, principalmente, de si vem o cuidado para com o outro. Como uma delas traz: "Não tenho feito nada por mim. Primeiro porque não tenho tempo nenhum, segundo porque não tenho cabeça, chega na minha vez tô saturada, cansada,

estressada e só quero descansar em paz. (3353)”. Em outras narrativas vemos como esse cuidado do outro estabelece uma relação hierárquica com o cuidado de si, muitas nem lembram que ele existe, e outras dizem que, por mais que tenham vontade de ter esse cuidado consigo mesma, fica impossível conciliar com as responsabilidades que desempenham com o outro.

1. Sim, cuidando dos outros estou cuidando de mim. 2. Aceitar mudanças, para bem dos que me cercam. (1143)

1. Me preocupo mais com minha filha e mãe, acabo não comprando meu remédio contínuo para não deixar de comprar o delas. E, eu tenho medo de sair, mas sou obrigada. (1479)

2. Não. E por ter sempre algo para fazer. E talvez por não me colocar em primeiro lugar. (1754)

1. Muito pouco. Tenho muita vontade de tirar um tempo pra mim, pra ler coisas que não sejam de trabalho, fazer trabalhos criativos... mas não consigo. Sempre tem algo em casa e do trabalho pra fazer. Meu marido consegue, mas eu não. (1896)

1. Tenho cuidado mais dos outros do que de mim mesma. 2. Tentar ajudar o outro e não me deprimir. (2485)

Se realizar determinadas tarefas é considerado natural, então o esperado é que todas as mulheres gostem de fazê-lo e o façam por “amor” – até aquelas que devido a posição social podem escapar de parte desse trabalho. Como aproveitar a liberdade se desde os primeiros dias da vida de uma mulher tem sido criada a ser dócil, subserviente e dependente? (FEDERICI, 2019). Ao romper com esse modelo de subjetividade e se ver como não responsável pelo trabalho de cuidado (ainda que seja uma luta constante e cotidiana), há todo um discurso moralizante de que o problema é dela, o fracasso é dela, a culpa e a anormalidade é dela (FEDERICI, 2019). Os desejos são produzidos a partir de uma estrutura que coloca a mulher como sujeito encarregado da função de realização do trabalho de cuidado como prioridade, a ponto que quando não o cumpre há possibilidade de voltar para si um sentimento de culpa, frustração e cobrança pela não realização. Então, há sempre uma falta nessa relação desigual, seja em relação a si ou ao outro.

1. Nem sempre tenho conseguido cuidar de mim e é por falta de ânimo/vontade. Percebi que é mais fácil cuidar dos outros nesse momento. Às vezes me levanto decidida a cuidar de mim, mas não consigo. 2. Me sentir útil para os outros. Acho que tira o foco daquilo que está acontecendo comigo. (3693)

Apesar de uma tendência à dessexualização do trabalho de cuidado, a maioria do trabalho feito em casa ainda fica a cargo das mulheres, ainda que estas apresentem um segundo emprego. Sendo assim, mesmo para os casais que tentam estabelecer relações mais igualitárias, o jogo muda quando nasce uma criança (FEDERICI, 2019). O ponto da análise não é que os

homens não querem e não gostam de compartilhar o trabalho de cuidado, ainda que possa também ser percebido esse movimento, mas é toda uma estrutura social que garante essa perpetuação e esta é reforçada pelo próprio Estado fortalecendo a desigualdade de gênero. Exemplo disso é como as próprias políticas públicas são generificadas em prol do capital de forma que perante uma gravidez há uma grande diferença entre o período de afastamento do trabalho e o salário para homens e mulheres. Em uma das narrativas uma mulher chega a demonstrar como a naturalização do cuidado é sentida ainda que o cuidado seja “compartilhado”, são malabarismos feitos para conseguir lidar com tudo que demandam dela.

1. Muito pouco. Tenho muita vontade de tirar um tempo pra mim, pra ler coisas que não sejam de trabalho, fazer trabalhos criativos... mas não consigo. Sempre tem algo para fazer em casa e do trabalho. Meu marido consegue, mas eu não. (1896)

1. No início estava mais organizada com as tarefas domésticas. Tenho um filho de 3 anos e somos somente eu e o meu marido para atendê-lo. Por mais que as atividades domésticas bem como o cuidado com ele sejam compartilhados, em algumas situações me sinto sobrecarregada, então não consigo cuidar só de mim. (3382)

Muitas narrativas mostram que algumas mulheres entendem que estão sobrecarregadas por conta do trabalho, do cuidado com o outro e com o trabalho doméstico e, assim, não possuem tempo para cuidar de si. Essas respostas carregam a preocupação das mulheres em dar conta de tudo antes mesmo de dar conta de si e se cuidar. Nesse sentido, percebemos que essa cobrança do cuidado como responsabilidade da mulher trouxe para a pandemia de COVID-19 a questão do gênero como um dos fatores que diferenciam a forma como cada sujeito é afetado. Assim, o trabalho doméstico faz com que nossa subjetividade seja orientada em benefício de uma função específica na qual foram desenvolvidos sob um modelo que todas devemos nos conformar para sermos aceitas como mulheres nesta sociedade (FEDERICI, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Hawaray (2009), é partindo de um lugar situado que conseguimos encontrar uma visão mais ampla. Foi a partir dessa reflexão que propomos romper com a ficção universalizante da mulher para se abrir às múltiplas possibilidades encontradas nas narrativas em resposta às perguntas elaboradas em nossa pesquisa. A partir de uma análise sócio-histórica do trabalho de cuidado, evidenciamos como a estrutura do patriarcado branco inaugurou uma divisão sexual do trabalho e trouxe a naturalização do cuidado como atribuição da mulher. Junto a essa análise, as narrativas coletadas expressaram essa realidade frente à situação de crise

sanitária. Assim, vimos como o cenário pandêmico demonstrou que as mulheres são mais afetadas e atravessadas pelo trabalho do cuidado.

Nessa perspectiva, percebemos também que o cuidado de si é atravessado de forma marcante pelo cuidado do outro. Após as leituras e releituras dessas falas, entendemos que esse cuidado do outro é tomado como forma de cuidar de si. Não só encontramos a tarefa de cuidar do outro, mas também a sobrecarga constante, por conciliar essa função junto ao trabalho produtivo. Sendo assim, o cuidado de si é o que acaba sendo negligenciado. Arriscamos dizer que ele é o último a aparecer nas narrativas por não terem tempo para realizar esse cuidado ao estarem cuidando do outro e por não conseguirem desvincular o próprio bem-estar do outro que é cuidado. Ademais, encontramos outros possíveis desdobramentos dessa pesquisa, como analisarmos de que maneira o trabalho de cuidado é constituído e materializado na sociedade brasileira. Então, por uma perspectiva interseccional, vemos que são as mulheres negras que se movimentam e resistem através desse trabalho que foi constituído historicamente desde a colonização.

Embora o isolamento da pandemia da COVID-19 tenha feito com que nós mulheres nos distanciássemos fisicamente dentro de nossas casas, nossos trabalho e, principalmente, no trabalho intermitente de cuidado, é possível resgatarmos nossa solidariedade para reencantar o mundo através de políticas do comum, em relações sociais baseadas na coletividade (FEDERICI, 2022). Para, assim, reorientarmos o trabalho de cuidado a partir de uma dinâmica coletiva e de compartilhamento com o outro. A pesquisa permitiu perceber os inúmeros atravessamentos do trabalho de cuidado na vida das mulheres e como isso produz adoecimento e sofrimento. Através desse material propomos, portanto, possibilitar a criação de intervenções clínicas para com a realidade das mulheres brasileiras e é fundamental para a produção de políticas públicas implicadas com essa materialidade das suas múltiplas experiências.

WHAT DO THE WOMEN SAY ABOUT THE CARE WORK DURING COVID-19 PANDEMIC?

ABSTRACT: This article proposes to analyze the care work, historically attributed to women, through a situated perspective (HARAWAY, 2009) and intersectional perspective (AKOTIRENE, 2019). For this, we used a field research in which we collect narratives of women about their experiences in the COVID-19 pandemic to reflect the multiple realities. To analyze the material related to the theme of care present in the narratives, we made a data clipping and used the psychoanalytic method of research. Thus, we propose to show how care

is imperatively, naturalized for women, significantly affecting their experiences in the pandemic period.

Keywords: Women. Care. Domestic Work. COVID-19.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019, 64 p.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo, Polén, 2019, 152 p.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019, 128 p.

bell hooks. Constituir o lar: um espaço de resistência. In: bell hooks. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo, Elefante, 2019, pp. 102-117.

bell hooks. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo, Perspectiva, 2019, 254 p.

BITTAR, Paula; SEABRA, Roberto. Violência contra as mulheres nas ruas cai durante a pandemia, mas aumenta dentro de casa. Agência Câmara de Notícias, 2021. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/797543-violencia-contras-mulheres-nas-ruas-cai-durante-a-pandemia-mas-aumenta-dentro-de-casa/>>. Acesso em: 01 de janeiro de 2022.

CANAVÊZ, Fernanda; FARIAS, Camila P.; LUCZINSKI, Giovana F.. A pandemia de Covid-19 narrada por mulheres: o que dizem as profissionais de saúde?. **Saúde em Debate**, v. 45, n. spe1, p. 112–123, out. 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016, 248 p.

DOCKHORN, Carolina Neumann de Barros Falcão; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. Estratégia Clínico-Interpretativa: Um Recurso à Pesquisa Psicanalítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, n. 4, pp. 529-535, 2015.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo, Elefante, 2017, 464 p.

Revista Psicologia em Foco, Frederico Westphalen, v. n. p. 241-261, 2025.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução:** trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo, Elefante, 2019, 388 p.

GÊNERO E NÚMERO; SOF. **Sem parar:** o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Sempreviva Organização Feminista [internet], 2020. Disponível em: <http://mulheresnapandemia.sof.org.br/wpcontent/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_Sem_Parar.pdf>. Acesso em: julho de 2021.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: RIOS, Flávia. e LIMA, Marcia. (Org.) **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro, Zahar, pp. 139-150, 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5, pp. 7-41, 2009.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, [S. l.], v. 26, n. 1, pp. 61-73, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019, 248 p.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Outras formas de trabalho (2019). IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101722_informativo.pdf . Acesso em: julho de 2021.

MELO, Ezilda; RODRIGUES, Carla Estela; POLETINE, Maria Julia. **Pandemia e Mulheres:** Volume 01. Salvador, Studio Sala de aula, 2020.

MELO, Ezilda; RODRIGUES, Carla Estela; POLETINE, Maria Julia. **Pandemia e Mulheres:** Volume 02. Salvador, Studio Sala de aula, 2020.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais obscuro da modernidade. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, 2017, pp. 1-18.

ONU Mulheres. Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe: Dimensões de Gênero na resposta. Março de 2020. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/wp->

Revista Psicologia em Foco, Frederico Westphalen, v. n. p. 241-261, 2025.

[content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf](#)>. Acesso em: 16 de novembro de 2021.

OLIVEIRA, Joana; MENDONÇA, Heloísa. Mães recorrem a creches informais e vivem 'pesadelo logístico' para conciliar filhos e trabalho na pandemia. El País, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-13/maes-recorrem-a-creches-informais-e-vivem-pesadelo-logistico-para-cuidar-dos-filhos-na-pandemia-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

OYĚWUMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres:** Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021, 324 p.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005, pp. 117-142. Disponível: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf> Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

SANTOS, Kátia Alessandra dos; CERVO, Michele da Rocha. Mulheres e mulheres na pandemia: os diferentes sentidos de "ficar em casa". In: **Pandemia e Mulheres:** Volume 02. Salvador, Studio Sala de aula, 2020.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1210/scott_gender2.pdf> . Acesso em: 08 de novembro de 2021.

SORJ, Bila. O trabalho doméstico e de cuidados: novos desafios para a igualdade de gênero no Brasil. In: SILVEIRA, Maria Lúcia; TITO, Neuza, (Orgs.). **Trabalho doméstico e de cuidados:** por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. São Paulo: Sempre viva, 2008, pp. 77 – 89.

UNFPA – United Nations Population Fund. COVID 19: Um olhar para gênero. In: Resumo Técnico, março 2020. Disponível em <https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Covid19_olhar_genero.pdf>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.

VELOSO, Kristianne; XAVIER Elton Dias. Pandemia, a mulher e seu duplo isolamento. In: MELO, Ezilda; RODRIGUES, Carla Estela; POLETINE, Maria Julia. **Pandemia e Mulheres:** Volume 02 (p. 90). Salvador, Studio Sala de aula, 2020.